

FACULDADE ATENAS

JANAÍNA DE MELO PEREIRA

**CENTRO CIRÚRGICO, ESTRESSE OCUPACIONAL E ENFERMAGEM:** uma  
revisão bibliográfica

Paracatu

2018

JANAÍNA DE MELO PEREIRA

**CENTRO CIRÚRGICO, ESTRESSE OCUPACIONAL E ENFERMAGEM:** uma  
revisão bibliográfica

Monografia apresentada ao Curso de Enfermagem da Faculdade Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em enfermagem.

Área de concentração: Ciências da Saúde

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Daniela de Stefani Marquez

Paracatu

2018

P436c Pereira, Janaina de Melo.

**Centro cirúrgico, estresse ocupacional e enfermagem:**  
uma revisão bibliográfica. / Janaina de Melo Pereira. –  
Paracatu: [s.n.], 2018.

45 f. il.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Daniela de Stefani Marquez.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) UniAtenas.

JANAÍNA DE MELO PEREIRA

**CENTRO CIRÚRGICO, ESTRESSE OCUPACIONAL E ENFERMAGEM:** uma  
revisão bibliográfica

Monografia apresentada ao curso de graduação da Faculdade Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Área de concentração: Ciências da Saúde

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Daniela de Stefani Marquez

Banca Examinadora:

Paracatu – MG, 12 de Julho de 2018.

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Daniela de Stefani Marquez  
Faculdade Atenas

---

Prof<sup>a</sup>. Msc. Renato Philipe Sousa  
Faculdade Atenas

---

Prof<sup>a</sup>. Msc. Lisandra Rodrigues Risi  
Faculdade Atenas

Dedico este trabalho a todos que  
contribuíram direta ou indiretamente em  
minha formação acadêmica.

Agradeço imensamente a Deus, a quem devo minha vida, e por ter me concedido, força e disposição para fazer a faculdade, por ter dado saúde a mim e meus familiares e tranquilizado o meu espírito nos momentos mais difíceis da minha trajetória acadêmica. Sem ele, nada disso seria possível.

Agradeço aos meus pais Maria *e in memoriam* Waldivino e meu pai do coração Jordeley, que me deram apoio e incentivo nas horas difíceis.

Aos meus irmãos, Susyelem e Murilo, agradeço por toda força, ânimo e coragem que me ofereceu para ter alcançado minha meta. Aos meus sobrinhos Lucas e Enzo pelo carinho, dedicação e momentos de descontração, à minha filha Vitoria Khemilly, que embora não tenha conhecimento, mas me incentivou, através de gestos e palavras iluminando os meus pensamentos de maneira especial, ensinando-me a buscar novas palavras e fazer pesquisas para superar todas as dificuldades enfrentadas.

Minhas tias Ione e Irene pelo companheirismo e disponibilidade para me auxiliar em vários momentos decisivos em minha jornada. A

Aos meus amigos do Hospital São Lucas, que não me deixaram ser vencida pelo cansaço, pelo empenho e confiança que depositaram em mim e me ajudou a tornar possível este sonho tão especial.

Ao meu namorado Leonardo, que me estimulou durante toda a minha caminhada e compreendeu minha ausência pelo tempo dedicado aos estudos. Meus Familiares e todas as pessoas que mesmo de longe de alguma forma também contribuíram e fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida.

A minha Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dra. Daniela de Stefani Marquez, por todo o tempo que dedicou a me ajudar durante o processo da realização deste trabalho.

O meu muito obrigada a todos Vocês!

## RESUMO

O objetivo do trabalho foi conhecer os principais fatores influenciadores de estresse em profissionais da equipe de enfermagem que atuam no Centro Cirúrgico. A metodologia utilizada foi a revisão sistemática da literatura com buscas através de bases de dados SciELO, bem como teses e dissertações disponíveis *online*, em revistas científicas impressas e livros relacionados ao tema. O estresse vem sendo o causador dos principais problemas mundiais. Hoje ele é considerado como um desgaste geral no organismo e causador de diversas alterações e acaba afetando a maioria dos profissionais da área trabalhista. Na maioria das vezes o trabalho no centro cirúrgico é estressante em vários aspectos, podendo afetar no desempenho dos profissionais da equipe de enfermagem de modo geral. O estresse quando presente no indivíduo pode desencadear uma série de doenças se nada for feito. O centro cirúrgico ocupa lugar de destaque no hospital, considerando a finalidade e a complexidade dos procedimentos realizados. Conclui-se, portanto, que é importante procurar ajuda e tratamento adequado, seja apoio médico ou psicológico, além de manter boa alimentação, realização de exercícios físicos e práticas de sessões de relaxamentos, promovendo assim melhor qualidade de vida, bem como melhora na qualidade do serviço prestado ao cliente.

**Palavras-chaves:** Estresse. Saúde do trabalhador. Centro cirúrgico. Equipe de enfermagem.



## **ABSTRACT**

The objective of this study was to know the main factors influencing stress in nursing team professionals working in the Surgical Center. The methodology used was the systematic review of the literature with searches through SciELO databases, as well as theses and dissertations available online, in scientific journals printed and books related to the topic. Stress has been the cause of the world's major problems. Today it is considered as a general wear and tear in the body and causes several changes and ends up affecting most professionals in the labor area. Most of the time the work in the surgical center is stressful in several aspects, and can affect in the performance of the professionals of the nursing team in general. Stress when present in the individual can trigger a host of illnesses if nothing is done. The surgical center occupies a prominent place in the hospital, considering the purpose and complexity of the procedures performed. It is concluded, therefore, that it is important to seek appropriate help and treatment, be it medical or psychological support, as well as maintaining good nutrition, physical exercises and relaxation sessions, thus promoting a better quality of life as well as an improvement in quality of the service provided to the client.

**Keywords:** Stress. Worker's health. Surgery Center. Nursing team.

## **LISTAS DE SIGLAS**

**AORN:** Association of periOperative Registered Nurses

**CC:** Centro cirúrgico

**EPI:** Equipamentos de proteção individual

**LER:** Lesões por esforços repetitivos

**NR:** Norma regulamentadora

**OIT:** Organização Internacional do Trabalho

**SESMT:** Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho

**SOBECC:** Associação Brasileira de Enfermeiros de Centro Cirúrgico, Recuperação Pós-Anestésica e Centro de Material e Esterilização

## LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Aspectos básicos que caracterizam a síndrome de <i>Burnout</i>	24
Figura 2: Gravidade e os Grupos de Riscos Ambientais	25
Figura 3: Classificação dos riscos ambientais	26
Figura 4: Mapa de riscos do Centro Cirúrgico	27

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	12
<b>1.1 PROBLEMA DA PESQUISA</b>	12
<b>1.2 HIPÓTESE</b>	12
<b>1.3 OBJETIVOS</b>	13
<b>1.3.1 OBJETIVO GERAL</b>	13
<b>1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	13
<b>1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO</b>	13
<b>1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO</b>	14
<b>1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO</b>	15
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b>	16
<b>2.1 COMPOSIÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DO CENTRO CIRÚRGICO</b>	16
<b>2.1.1 PROFISSIONAL ENFERMEIRO</b>	17
<b>2.1.2 TÉCNICO DE ENFERMAGEM</b>	17
<b>2.1.3 AUXILIAR DE ENFERMAGEM</b>	18
<b>2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DO CENTRO CIRÚRGICO</b>	19
<b>3 ESTRESSE</b>	21
<b>3.1 ESTRESSE OCUPACIONAL</b>	23
<b>3.1.1 SÍNDROME DE BURNOUT</b>	24
<b>3.1.1.1 MAPA DE RISCOS DO CENTRO CIRÚRGICO</b>	25
<b>3.1.2 FATORES QUE INFLUENCIAM O ESTRESSE DOS PROFISSIONAIS DA ENFERMAGEM EM CENTRO CIRÚRGICO</b>	28
<b>4 PROCEDIMENTOS QUE PROVOCAM MAIS ESTRESSE NA EQUIPE DE ENFERMAGEM</b>	32

<b>4.1 TRABALHO DE ENFERMAGEM NO CENTRO CIRÚRGICO</b>	<b>33</b>
<b>4.1.1 INTERVENÇÕES PARA O GERENCIAMENTO DO ESTRESSE OCUPACIONAL</b>	<b>35</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>39</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

As atuais exigências do mercado de trabalho têm consumido rapidamente a saúde física e mental das pessoas. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) destaca que 160 milhões de pessoas queixam-se de males associados, direta ou indiretamente, ao trabalho. Destes, 2,2 milhões morrem devido a doenças laborais. Transtorno da ansiedade, transtorno do humor, lesões por esforços repetitivos (LER), cardiopatias, dores crônicas e doenças circulatórias são as enfermidades que mais atingem os profissionais (LIMONGI-FRANÇA, 2007).

O centro cirúrgico foi escolhido para explorar o tema neste estudo, é considerado um dos ambientes mais complexos de um hospital, tendo em vista que a maioria das atividades são desenvolvidas em um clima de tensão devido à existência de procedimentos estressantes geradores de ansiedade (AQUINO, 2005).

### **1.1 PROBLEMA DA PESQUISA**

- Quais os fatores que mais favorecem o desenvolvimento do estresse nos profissionais de enfermagem no centro cirúrgico?

### **1.2 HIPÓTESE**

O estresse no ambiente de trabalho pode atrapalhar a saúde do funcionário, desmotivar, prejudicar seu rendimento, provocar insatisfação do cliente/paciente, podendo prejudicar também a imagem da empresa. O estresse é um fator degenerativo que faz com que os profissionais não consigam lidar com os problemas do dia a dia, gerando-os a conflitos, discursões entre os membros da equipe.

## **1.3 OBJETIVOS**

### **1.3.1 OBJETIVO GERAL**

Conhecer os principais fatores influenciadores de estresse em profissionais da equipe de enfermagem que atuam no Centro Cirúrgico.

### **1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a) descrever o perfil do centro cirúrgico e a inserção da equipe de enfermagem;
- b) identificar quais os fatores influenciam o estresse dos profissionais da enfermagem em centro cirúrgico;
- c) elaborar/trazer propostas para dirimir/minimizar o estresse ocupacional na equipe de enfermagem no centro cirúrgico.

## **1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO**

O estresse vem sendo o causador dos principais problemas mundiais. Hoje ele é definido como um desgaste geral no organismo e causador de diversas alterações no organismo da pessoa e acaba afetando a maioria dos profissionais da área trabalhista. Assim, percebe-se que a maioria das vezes o trabalho é estressante em vários aspectos, podendo afetar no desempenho dos profissionais da equipe de enfermagem de modo geral. O estresse quando presente no indivíduo pode desencadear uma série de doenças se nada for feito.

Na área de saúde a pressão psicológica e física tem um valor de grande desgaste em qualquer setor, vários estudos têm se posicionado quanto ao estresse que a equipe de enfermagem vivencia diariamente, sendo mais agravante a área do CC - considerado um dos ambientes mais complexo do hospital e onde frequentemente as atividades são desenvolvidas em um clima de tensão pela existência de procedimentos estressantes, gerando ansiedade,

aflições, desânimo, insegurança, medo, até mesmo pela complexidade do tipo de anestesia e cirurgia. Tudo isso transforma em causas que englobam o excesso de trabalho físico e psicológico.

## 1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO

Elaborou-se uma pesquisa bibliográfica acerca do tema. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 166):

A pesquisa bibliográfica, ou seja, de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

Foi realizado um estudo de revisão sistemática da literatura com buscas através de bases de dados SciELO, recorte temporal de 2007 a 2017, utilizando textos completos/idioma português, bem como teses e dissertações disponíveis online, em revistas científicas impressas e livros relacionados ao tema. Os descritores pesquisados foram: “estresse ocupacional”, “equipe de enfermagem”, “centro cirúrgico”.

Conforme Gil (2007), um estudo de revisão sistemática é um exemplo de estudo secundário, quando o pesquisador apresenta um conjunto relacionado com dados e informações obtidas de estudos originais primários.

A pesquisa foi desenvolvida entre os meses de fevereiro a maio de 2018.

Como critérios de inclusão – escolheu-se a categoria de enfermagem atuantes em centro cirúrgico, por se caracterizar pela assistência direta aos pacientes e por ser um ambiente fechado, desencadeando conflitos interpessoais entre os membros da equipe.

Já quanto aos critérios de exclusão - para uma melhor qualidade dos resultados, a pesquisa foi direcionada aos artigos que tratavam sobre profissionais de enfermagem do centro cirúrgico, tendo sido excluídos outros setores do hospital e outras categorias profissionais.



## **1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO**

O trabalho foi dividido em cinco capítulos, sendo que o capítulo 1 se refere à introdução ao estudo, o capítulo 2 sobre a Composição e caracterização dos profissionais de enfermagem do centro cirúrgico; o capítulo 3 trata do estresse ocupacional e os fatores que influenciam o estresse nesses profissionais, o capítulo 4 traz sobre os procedimentos que provocam mais estresse na equipe de enfermagem; o trabalho de enfermagem em bloco cirúrgico e as intervenções para o gerenciamento do estresse ocupacional. E por fim, as considerações finais e referências bibliográficas.

## **2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

### **2.1 COMPOSIÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DO CENTRO CIRÚRGICO**

A equipe de enfermagem é composta pelo enfermeiro, o técnico de enfermagem e o auxiliar de enfermagem. Sendo que os técnicos e auxiliares de enfermagem assumem, no Centro Cirúrgico, a função de circulante ou instrumentador. É comum encontrar também, nessa equipe, um escriturário diretamente subordinado ao enfermeiro-chefe, responsável pelo trabalho burocrático, como, por exemplo, a digitação a distribuição dos programas cirúrgicos (GALVÃO, 2012).

A quantidade do pessoal de enfermagem varia conforme a complexidade e o volume de trabalho existente na unidade (MOURA, 2008).

“É imprescindível que os membros da equipe entendam suas verdadeiras responsabilidades e limites de atuação, a fim de que o funcionamento da unidade seja adequado” (SANGIOVO, 2015, p. 6).

Conforme a Association of periOperative Registered Nurses (AORN, 2012) citada por Martins (2013, p. 18), “a meta da prática da enfermagem perioperatória é assistir ao usuário, para alcançar um nível de bem estar igual ou maior do que ele apresentava antes do procedimento cirúrgico”.

Conforme Hinkle e Cheever (2016) a comunicação, o trabalho em equipe e a avaliação do cliente são cruciais para garantir resultados satisfatórios para o cliente no período perioperatório.

O código de ética de cada categoria deve ser rigorosamente respeitado, principalmente no tocante à responsabilidade para com o outro, no caso, o cliente. Ou seja, todos são responsáveis pela manutenção do sigilo e pela preservação da privacidade de cada cliente, além da família deste, a qual também deve ser informada sobre os eventos que acontecem na sala de cirurgia (MACHADO; FIGUEIREDO; ROSA, 2009).

Figueiredo, Leite e Rocha (2009) afirmam que a equipe de enfermagem pode cuidar de qualquer tipo de cliente, pois sua formação lhe confere essa capacidade e competência. Para atuar o CC é necessário adquirir formação específica.

A seguir, as funções de cada profissional de enfermagem, nível de escolaridade e legislação que a regulariza:

### **2.1.1 PROFISSIONAL ENFERMEIRO**

~

Conforme Martins (2013) é de competência profissional do enfermeiro - tomar decisões e responsabilizar pela organização deste serviço, respaldado em competências que possibilitem reconhecer a diversidade das situações e a busca de alternativas necessárias para obter êxito nas suas ações.

Desse modo, Siqueira e Schuh (2016) reforçam que “o enfermeiro de centro cirúrgico é peça chave na equipe sendo responsável por gerenciar, coordenar, educar e pesquisar, necessitando de capacitação técnica, conhecimento científico e habilidades nas relações humanas”.

O enfermeiro é responsável pelo planejamento das ações de enfermagem que serão desenvolvidas no decorrer do ato cirúrgico, bem como pelo gerenciamento relativo aos materiais e equipamentos necessários (MOURA, 2008).

Conforme a legislação, a Resolução COFEN nº 0509 (BRASIL, 2016a) atualiza a norma técnica para Anotação de Responsabilidade Técnica pelo Serviço de Enfermagem e define as atribuições do enfermeiro Responsável Técnico, são requisitos para ocupar o cargo: diploma, devidamente registrado, de curso de graduação em Enfermagem, fornecido por instituição de ensino superior, reconhecida pelo Ministério da Educação, registro profissional no Conselho Regional de Enfermagem e estar em dia com as obrigações junto ao mesmo (MINAS GERAIS, 2016).

### **2.1.2 TÉCNICO DE ENFERMAGEM**

Na visão de Moura (2008) o técnico de enfermagem é auxiliar direto do enfermeiro, são-lhe delegadas também tarefas especiais, como verificar o funcionamento, a conservação e a manutenção dos equipamentos necessários ao funcionamento do CC, responsabilizar-se pelo encaminhamento das peças cirúrgicas aos laboratórios especializados

e controlar o material esterilizado, verificando seus prazos de validade. Também pode exercer as atividades de instrumentador cirúrgico ou de circulante da sala.

O Decreto n. 94.406 de 08 de junho de 1987 que regulamenta a Lei nº 7.498 de 25 de junho de 1986, dispõe sobre o exercício de enfermagem (BRASIL, 1987).

Os requisitos para ocupação do cargo de técnico de enfermagem são o certificado, devidamente registrado, de curso de ensino médio, fornecido por instituição educacional, reconhecido pelo Ministério da Educação; certificado de conclusão de curso Técnico em Enfermagem e registro profissional no Conselho Regional de Enfermagem (BRASIL, 2015, MINAS GERAIS, 2016).

### **2.1.3 AUXILIAR DE ENFERMAGEM**

Considerando o decreto nº 94.406/87, que regulamenta a lei do exercício profissional, que prevê que o auxiliar de enfermagem executa as atividades auxiliares, de nível médio, atribuídas à equipe de enfermagem, cabendo-lhe entre outras atividades como citado no “Inciso III, alínea j – circular em sala de cirurgia e, se necessário, instrumentar” (BRASIL, 1987).

Para ser instrumentador cirúrgico, é necessário o diploma de instrumentador cirúrgico e/ou ser técnico em enfermagem e receber treinamento no setor antes de iniciar as atividades de instrumentação (BRASIL, 2016a; MINAS GERAIS, 2016).

É admitido que o técnico de enfermagem também possa vir assumir a função de instrumentador cirúrgico ou mesmo circulante de sala, visto tratar-se de uma categoria ainda mais qualificada (BAHIA, 2013).

Os profissionais de enfermagem, considerando as categorias enfermeiro, técnico e/ou auxiliar de enfermagem, possuem competência legal para exercerem atividades de instrumentação cirúrgica. Salientando a necessidade de estarem capacitados tecnicamente quando no desenvolvimento desta atividade. Igualmente, esses mesmos profissionais de enfermagem, não possuem competência ética, técnica e legal para auxiliar procedimentos cirúrgicos (BAHIA, 2013).

## 2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DO CENTRO CIRÚRGICO

Conforme estudo de Passos, Silva e Soares (2010) em um hospital particular de São Luís do Maranhão, envolvendo 18 profissionais do CC, perceberam-se que os profissionais de enfermagem tinham entre 20 a 30 anos de idade (47%), com predomínio do sexo feminino (94%), solteiro (59%), de religião católica (76%); renda familiar de 1 a 3 salários mínimos (82%). A maioria era técnico em enfermagem (88%), com mais de 6 anos trabalhando em Centro Cirúrgico (41%). Quanto ao número de emprego, 76% trabalham em até 2 empregos; 100% revelou estar satisfeito com a profissão, 94% disseram conciliar trabalho e casa, entretanto apenas 47% conseguem ter disponibilidade para lazer algumas vezes.

Na pesquisa de Barbosa e outros (2012) realizado em três hospitais de Montes Claros, envolvendo cinco enfermeiros do Centro cirúrgico foi constatado que 60% destes eram do gênero feminino e 40% do masculino, com idade entre 20 e 40 anos, ambos com pós-graduação em enfermagem, não específica em Centro Cirúrgico. Quanto ao tempo de formação, 80% formaram em média há 10 anos e 20% há mais de 16 anos. Em relação ao período de atuação no centro cirúrgico pesquisado, atuam em média de 1 a 10 anos.

No estudo de Soratto e outros (2016) em bloco cirúrgico de um Hospital envolvendo 46 profissionais de enfermagem no Extremo Sul Catarinense detectou que 95,66% eram do sexo feminino e 4,34% masculino, na faixa etária entre 18 a 50 anos. Quanto ao estado civil 52,18% casados, 45,65% solteiros, 2,17% divorciados. Em relação à formação 6,52% são enfermeiros e 93,48% técnicos de enfermagem, sendo que destes técnicos de enfermagem 8,69% já graduados em Enfermagem. O tempo de formação variou entre 06 meses a 12 anos, o tempo de trabalho na profissão entre cinco meses a cinco anos. Em relação à dupla jornada de trabalho 6,52% dos profissionais de enfermagem possuía dupla jornada.

Souza (2009) cita-nos que no caso do trabalhador que possui mais de um vínculo empregatício, seu tempo de descanso é menor e a sobrecarga de trabalho maior. A dupla jornada é uma característica muito comum entre os trabalhadores da enfermagem; e desse modo, é possível observar com mais frequência o desgaste nesta categoria. No estudo analisado, 34% consideraram a jornada de trabalho às vezes longa, 28% frequentemente, 22% nunca e 16% sempre.

A equipe de enfermagem no CC é predominantemente feminina, trabalham em mais de um emprego para complementar a renda familiar e convive boa parte do seu tempo em um ambiente fechado, cercado por colegas de trabalho com ideias diferentes, onde ocorre divergência de pensamento e dificuldade de relacionamento interpessoal entre a equipe. Presenciando a dor e os dramas dos pacientes cirúrgicos, que dependem de seus cuidados exclusivos, a alta responsabilidade pela vida e recuperação desses pacientes/ clientes cirúrgicos, podendo desencadear estresse nos profissionais de enfermagem, que se sentem sobrecarregados com tanta responsabilidade.

### 3 ESTRESSE

De acordo com Lipp e Malagris (2011), o estresse tem sido considerado o mal dos tempos modernos. Entretanto, o estresse sempre existiu, mas o que tem mudado através dos tempos são as circunstâncias capazes de gerá-lo.

Conforme Smeltzer e Bare (2005) o estresse é um estado produzido por uma alteração no ambiente que é percebida como desafiadora, ameaçadora ou lesiva para o balanço ou equilíbrio dinâmica da pessoa. A pessoa fica ou se sente incapaz de satisfazer às demandas da nova situação.

Vários autores consideram o termo estresse ou '*stress*' como o estado decorrente da percepção de estímulos que desencadeiam excitação emocional, modificando a homeostase do organismo. A resposta ao estresse abrange aspectos cognitivos, comportamentais e fisiológicos, tendo em vista a busca de soluções, preparando o indivíduo para selecionar condutas adequadas de maneira rápida e vigorosa (LÓPEZ, 2009).

De acordo com Videbeck (2012), o endocrinologista Hans Selye identificou os aspectos fisiológicos do estresse, que rotulou de síndrome de adaptação geral. Selye usou animais de laboratório para investigar mudanças no sistema biológico, as etapas das respostas físicas do corpo a dor, calor, toxinas e contenção e, posteriormente, as respostas emocionais a estressores reais ou percebidos. O autor determinou três estágios de reação ao estresse reação de alarme, estágio da resistência e estágio da exaustão.

No estágio de alarme – o estresse estimula o corpo a enviar mensagens do hipotálamo para as glândulas e órgãos a fim de preparar-se para potenciais necessidades de defesa (VIDEBECK, 2012).

Assim, Atkinson e Murray (2013) complementam que há a relação de alarme, onde o corpo reconhece o fator de estresse e produz hormônios orgânicos essenciais para preparar o corpo para a ação, uma resposta de 'fuga ou luta'. É durante esse estágio que os seres humanos se destacam pela realização de atos notáveis de força e de coragem.

Já no estágio da resistência (ou de adaptação), o sistema digestório reduz a função de desviar sangue para as áreas necessárias à defesa. Os pulmões consomem mais ar, e o coração bate mais rápido e forte para fazer circular nos músculos o sangue altamente oxigenado e nutrido, para que defendam o corpo por meio de fuga, luta ou comportamentos paralisantes. (VIDEBECK, 2012).

Quando a pessoa se adapta ao estresse, as respostas do corpo relaxam e as respostas sistêmicas, das glândulas e dos órgãos, arrefecem. (VIDEBECK, 2012). Porém, se o corpo não consegue reverter as alterações do estágio de alarme, a resposta de estresse progride (ATKINSON; MURRAY, 2013).

Conforme Witter e Paschoal (2010) na fase de resistência, há grande utilização de energia para reequilíbrio do organismo, o que pode provocar sensação de desgaste e de falta de memória; em terceiro lugar, na fase de quase-exaustão, as defesas do organismo começam a ceder e já não se consegue resistir às tensões, podendo surgir doenças.

O estágio de exaustão ocorre quando se responde negativamente à ansiedade e ao estresse – as reservas do corpo são exauridas ou os componentes emocionais não são resolvidos, resultando em excitação contínua das respostas fisiológicas e pouca capacidade de reserva (VIDEBECK, 2012).

Witter e Paschoal (2010) complementam que por fim, na fase de exaustão, surgem sintomas semelhantes aos da fase de alerta, porém muito mais intensos, toda a resistência do organismo é quebrada, a depressão aparece devido à exaustão psicológica e também outras doenças, devido à exaustão física, podendo se chegar à morte.

Os fatores de estresse são principalmente de natureza fisiológica, tendo ainda um componente psicossocial. Os indivíduos lutam com o estresse psicossocial de muitas maneiras, existe um conjunto de respostas denominado mecanismos de defesa, aos quais o indivíduo inicialmente para proteger a sua autoestima. Um exemplo de emprego de mecanismo de defesa é a racionalização, técnica empregada por qualquer um, em algum momento. Trata-se de uma tentativa de explicar ou justificar o seu comportamento, sem o risco de lesar sua autoestima. (ATKINSON; MURRAY, 2013).

Weiten (2016) cita que uma enorme variedade de eventos pode ser estressante para uma pessoa outra, embora estes não sejam inteiramente independentes, os quatro principais tipos de estresse são: frustração (emoção que se experimenta quando fracassa a busca de um objetivo); conflito (quando duas ou mais motivações ou impulsos comportamentais incompatíveis competem por expressão); mudança (implica qualquer tipo de alteração nas circunstâncias de vida de uma pessoa que exijam readaptação); e a pressão que envolve expectativas ou exigências para que a pessoa se comporte de determinada maneira.



### 3.1 ESTRESSE OCUPACIONAL

Conforme López (2009) estudos atuais discute a relação entre as dificuldades que o indivíduo pode possuir para tolerar, superar ou se adaptar às exigências ambientais e o desgaste emocional e físico no trabalho. Esses estudos abordam o termo estresse ocupacional ou estresse no trabalho que se torna foco de preocupação, levando em consideração ser um componente que predispõe o desenvolvimento de patologias. Assim, o trabalho pode ser fonte de satisfação e autorrealização, bem como de adoecimento, considerando fatores de risco para a saúde e a dificuldade do trabalho se adaptar excessivas exigências.

O estresse ocupacional é uma constante na vida do trabalhador moderno, em especial as profissionais que vivenciam situações diversas, como no caso da Enfermagem, e agrava mais ainda, sendo profissional em unidade crítica, como no caso de centro cirúrgico (CC).

Schmidt e outros (2009, p. 336) reforçam:

O nível de pressão exercido pela organização do trabalho, a exigência de maior produtividade, associada à redução contínua do contingente de trabalhadores, à pressão do tempo e ao aumento da complexidade das tarefas, além de expectativas irrealizáveis e as relações de trabalho tensas e precárias, podem gerar tensão, fadiga e esgotamento profissional, constituindo-se em fatores responsáveis por situações de estresse relacionado com o trabalho.

A Associação Brasileira de Enfermeiros de Centro Cirúrgico, Recuperação Pós-Anestésica e Centro de Material e Esterilização (SOBECC, 2013, p. 125) ressaltam que é “de suma importância o trabalho conjunto e coeso de todos os integrantes da equipe cirúrgica, de modo a conferir ao cliente os mais elevados padrões de qualidade assistência segura e livre de riscos evitáveis”.

Para Nascimento, Costa e Silva (2012) os riscos ocupacionais aos quais os profissionais de enfermagem do CC estão expostos não se reduzem ao corpo físico, material, mas também ao corpo bioenergético, por causa da interação interpessoal que se realiza ao cuidar e tratar da clientela.

Estressores como mudanças rápidas na tecnologia de cuidados de saúde, a diversidade nos sistemas de trabalho, a reestruturação organizacional e a mudança nos sistemas de trabalho estressam os colaboradores. O estresse crônico pode desencadear a síndrome de *Burnout* (BAIER, 2013).

### 3.1.1 SÍNDROME DE BURNOUT

Limongi-França e Rodrigues (2005) citam a síndrome de *Burnout* como fruto de situação do trabalho, notadamente nos profissionais que tem como objeto de trabalho, o contato com outras pessoas. Sendo o *burnout* uma resposta emocional a situações de estresse crônica em função de relações intensas, como é o caso do trabalho em CC.

De acordo com Witter e Paschoal (2010) a síndrome de Burnout apresenta-se em três dimensões, relacionadas, mas independentes, as quais - a exaustão emocional, a despersonalização e a falta de envolvimento no trabalho, Conforme figura 1:



**Figura 1: Aspectos básicos que caracterizam a síndrome de Burnout**

Fonte: LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES, 2005, p. 52.

Desta forma, o *Burnout* leva ao aumento constante da sensação de esgotamento de recursos psicológicos e energia para atender aos clientes ou colegas de trabalho e de não ser mais capaz de lidar com seus próprios problemas, trazendo frustração, insensibilidade emocional, sentimentos e atitudes negativas em relação ao próprio trabalho e às pessoas com quem convive neste contexto. E também passa a se enxergar de forma negativa e perde o interesse e satisfação por seu desenvolvimento pessoal e profissional (WITTER; PASCHOAL, 2010; FERNANDES, 2011).

Alves (2011) cita que a exaustão emocional é caracterizada por falta/carência de energia acompanhada de um sentimento de esgotamento emocional. A manifestação pode ser física, psíquica ou uma combinação entre os dois. Os colaboradores percebem que já não possuem condições de despender mais energia para o atendimento de seu cliente ou demais pessoas, como já houve em situações passadas.
















Na enfermagem, o esgotamento frequentemente resulta de prestar cuidados intensos e se manifesta como uma exaustão emocional, perda de um senso de identidade pessoal e sentimentos de fracasso (BAIER, 2013).

### 3.1.1.1 MAPA DE RISCOS DO CENTRO CIRÚRGICO

A elaboração do Mapa de Riscos, conforme Norma regulamentadora - NR 5, com redação dada pela Portaria nº 25 de 29/12/1994 é identificar os riscos do processo de trabalho e elaborar o mapa de risco, com a participação do maior número de empregados, com assessoria do Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho (SESMT), quando houver (PAVAN; SAVI, 2011).

A representação gráfica dos riscos deve ser de forma clara, possibilitando a rápida identificação de cada tipo de risco existente em cada setor (PAVAN; SAVI, 2011).

A Figura 2 demonstra a gravidade do risco, representado pelo tamanho dos círculos:

Grupos de Riscos Ambientais	Gravidade		
	Pequeno	Médio	Grande
Físico			
Químico			
Biológico			
Ergonômico			
Mecânico ou de Acidente			

**Figura 2: Gravidade e os Grupos de Riscos Ambientais**  
Fonte: PAVAN; SAVI, 2011, p. 8.

Já a figura 3 são utilizadas cores para identificar o tipo de risco:

Riscos Ambientais				
Grupo I	Grupo II	Grupo III	Grupo IV	Grupo V
Agentes Químicos	Agentes Físicos	Agentes Biológicos	Agentes Ergonômicos	Agentes Mecânicos
Poeira	Ruído	Vírus	Trabalho físico pesado	Arranjo físico deficiente
Fumos Metálicos	Vibração	Bactéria	Posturas incorreras	Máquinas sem proteção
Névoas	Radiação ionizante e não ionizante	Protozoários	Treinamento Inadequado, inexistente	Matéria-prima fora de especificação
Vapores	Pressões anormais	Fungos	Jornadas prolongadas de trabalho	Equipamentos inadequados defeituosos ou inexistentes
Gases	Temperatura extremas	Bacilos	Trabalho noturno	Ferramentas defeituosas/ inadequadas ou inexistentes
Produtos químicos em geral	Frio  Calor	Parasitas	Responsabilidade e Conflito Tensões emocionais	Iluminação deficiente  Eletricidade
Substâncias, compostos ou produtos químicos em geral	Umidade	Insetos cobras aranhas, etc.	Desconforto Monotonia	Incêndio Edificações Armazenamento
outros	outros	outros	outros	outros
<b>VERMELHO</b>	<b>VERDE</b>	<b>MARROM</b>	<b>AMARELO</b>	<b>AZUL</b>

**Figura 3: Classificação dos riscos ambientais**

Fonte: CASTRO NETO, 2011.

Os riscos físicos são representados por fatores ou agentes existentes no ambiente de trabalho que podem afetar a saúde dos trabalhadores, como: ruídos, vibrações, radiações, frio, calor, pressões anormais e umidade (BRASIL, 2016b).

Os riscos biológicos - estão ligados aos fluidos corpóreos e seus aerossóis e a todo material biológico oriundo do paciente, do meio ambiente e de outras pessoas (SANTOS, 2013).

Já os riscos ergonômicos/mecânicos - envolvem as condições dos equipamentos e as condições ergonômicas para a execução das atividades. Considera-se risco ergonômico qualquer fator que possa interferir nas características psicofisiológicas do trabalhador causando desconforto ou afetando sua saúde (PAVAN; SAVI, 2011; SANTOS, 2013).

Riscos Emocionais (Síndrome de Burnout) – considerada síndrome do esgotamento profissional. O termo *burn* significa queima e *out* significa exterior sugerindo que a pessoa com esse tipo de estresse se consome física e emocionalmente, passando a apresentar um comportamento agressivo (SANTOS, 2013).

<b>Mapa de Risco – Centro Cirúrgico</b>					
FUNCIONARIOS EXPOSTOS: AUXILIAR DE HIGIENIZAÇÃO, TECNICO DE ENFERMAGEM, ENFERMEIRO E MEDICO					
NUMERO DE FUNCIONARIOS: 27					
TIPO DE RISCO	AGENTES CAUSADORES	GRAU DE RISCO			EPI / EPC / RECOMENDAÇÕES
		P	M	G	
Físicos	-Radiações Ionizantes (Aparelho de Raios-X Móvel e Arco C)	X			- Raios-X Móvel: O operador do Raio X deve utilizar EPI's (Avental chumbo; Protetores de Tireóide, e Óculos plumbíferas) e a equipe deve manter a distância mínima de 2 m do cabeçote e do paciente durante o disparo. - Arco C: Utilizar EPI's (Avental chumbo; Protetores de Tireóide, e Óculos plumbíferas)
Químicos	- Detergentes, Desinfetantes e Medicamentos;	X	X		- Utilizar EPI's: (Luvas de látex, Máscara contra vapores e Óculos); - Ventilação adequada.
Biológicos	- Microorganismos Patogênicos; - Doenças Infectocontagiosas; - Materiais Contaminados; - Lixos Infectantes.	X	X		- Utilizar EPI's: Luvas de procedimentos, Luvas cirúrgicas, Óculos, Máscara e Vestimenta (avental, gorro, camisa, calça e propés); - Lavagem das mãos e uso álcool 70%; - Desinfecção dos materiais, equipamentos e ambiente; - Após o uso, os materiais perfurocortantes devem ser descartados dentro de recipientes rígidos (caixas coletoras); - Vacinação (Tétano, Hepatite B, H1N1); - Ventilação adequada; - Lixeiras adequadas e separação dos resíduos por classificação;
Ergonômicos	- Postura Incorreta no Trabalho; - Esforços Físicos (deslocamento de pacientes da cama para a maca); - Trabalho em pé.	X			- Receber orientação sobre exercícios preventivos específicos; - Utilizar passante, que é um transferidor de paciente de leito para maca e vice-versa; - Utilizar dispositivos que minimizem o esforço por meios mecânicos ou eletromecânicos (camas e macas de altura regulável, passante)
Mecânico ou De Acidentes	- Cortes ou Perfurações com Perfurocortantes. - Queda.	X	X		- Usar calçado de segurança; - Ter cuidado e atenção na realização de suas atividades; - Utilizar materiais perfurocortantes com dispositivos de segurança; - Não reencapar agulhas; - Colocar os materiais perfurocortantes no recipiente apropriado para o seu descarte

Figura 4: Mapa de riscos do Centro Cirúrgico

Fonte: PAVAN; SAVI, 2011, p. 14.

### 3.1.2 FATORES QUE INFLUENCIAM O ESTRESSE DOS PROFISSIONAIS DA ENFERMAGEM EM CENTRO CIRÚRGICO

Soares, Oliveira e Sousa (2017) depois de analisar dados sociodemográficos dos profissionais de enfermagem que atuam em CC, concluíram que o fator que mais causa estresse em ambas as categorias profissionais entrevistadas é o tipo de ambiente fechado, enquanto houve variação dos demais fatores de acordo com a categoria profissional.

O Centro Cirúrgico (CC) compreende o Bloco Cirúrgico (onde são realizados os procedimentos operatórios de pequena, média e grande complexidade), Sala de Recuperação Anestésica (onde os pacientes do pós-operatório imediato recebem vigilância e cuidados de enfermagem intensivos e são avaliados constantemente em relação à evolução e retorno às atividades fisiológicas), Sala de Recuperação Intermediária (onde os pacientes do pós-operatório imediato se recuperam e aguardam para alta hospitalar ou transferência para outro segmento do hospital) e Centro de Material e Esterilização (onde é realizada a limpeza, desinfecção, esterilização, guarda e redistribuição do material para o CC e demais unidades hospitalares) (SEMENIUK; DURMAN; MATOS, 2012, p. 1).

É conhecido que o CC é um setor fechado e com particularidades próprias, onde é necessário limitar o contato pessoal de fora desse setor, não ocorrendo, portanto a relação interpessoal com os outros setores do hospital. O contato com o ambiente externo geralmente ocorre por via telefônica e por meio do recebimento de materiais e recepção de paciente (SILVA; POPOV, 2010).

Em relação ao trabalho do profissional enfermeiro, os principais fatores apontados como estressores são: falta de autonomia, falta de reconhecimento e dificuldades com o relacionamento interpessoal (MENZANI, 2006).

Schmidth (2009) complementa que nos últimos anos, variadas pesquisas descrevem o estresse de profissionais de enfermagem em diversas unidades hospitalares, destacando como fatores estressores, além dos já citados, a estrutura hierárquica da instituição, a existência de normas e regulamentos extremamente rígidos, a falta de recursos humanos e as poucas oportunidades de carreira.

López (2009) considera a frustração em tarefas ocupacionais, em que o indivíduo busca atingir metas definidas, prestígio e padrões de comportamentos impostos pelo grupo cultural, podem ser um dos fatores de desencadeamento o estresse.

Os sentimentos de frustração e descontentamento em relação à responsabilidade e exercício profissional dos trabalhadores da enfermagem constituem-se como situações geradoras de transtornos físicos, psicológicos e sociais podendo afetar a saúde desses

trabalhadores com o comprometimento da sua qualidade de vida, além de interferir nas relações de trabalho e no desempenho das suas atividades laborais (SEMENIUK; DURMAN; MATOS 2012).

Lima e outros (2015) citam a baixa remuneração, a responsabilidade excessiva, a grande duração da jornada de trabalho e o déficit de profissionais foram pontos críticos, podendo ser responsável pelas agressões à saúde do trabalhador, sobretudo quanto à função psíquica gerando ansiedade, depressão e estresse. Nesse cenário, através dos fatores estressores no ambiente de trabalho observados nos estudos encontrados por esses autores, evidencia-se a necessidade de criação de espaços institucionais para o desenvolvimento do momento de interação.

Percebe-se que o ambiente físico do CC é relevante no que tange à segurança, conforto e bem estar da equipe. No entanto, faz-se necessário acrescentar que as questões ambientais desse espaço vão além dos limites físicos e materiais, atingindo, também, elementos do bem-estar psicológico e emocional e das relações de trabalho. O CC, por vezes, é um ambiente extremamente estressor para a equipe de enfermagem, em decorrência do ritmo e exigências do trabalho, da complexidade da assistência, das relações interpessoais entre os membros da equipe (que incluem muitas vezes disputas de poder entre diferentes profissionais, discordâncias quanto ao método da assistência e desavenças). Em razão disso, o meio ambiente que compreende o CC pode ser um elemento causador de adoecimento no trabalho (COELHO *et al.*, 2012).

Sangiovo e outros (2015) detectaram em seu estudo ponto influenciador de estresse como o número reduzido de trabalhadores que compõem a equipe de enfermagem, sendo que a falta de pessoal faz com que a equipe tenha que se desdobrar para atender aos procedimentos cirúrgicos realizados concomitantemente, resultando em cansaço e estresse dos profissionais.

Ruchala (2013) cita que o estresse no trabalho pode ocorrer todos os dias ou de tempos em tempos. Sendo que a maioria dos adultos jovens é capaz de lidar com essas crises no dia a dia. Ocorrem situações de estresse quando um novo chefe assume no local de trabalho, um prazo se aproxima ou o trabalhar tem novas ou maiores responsabilidades.

Cita ainda que uma tendência recente no mundo dos negócios atual considerada fator de risco para o estresse no trabalho é o ‘corte de pessoal’, que provoca aumento de responsabilidades para aqueles empregados em posições hierárquicas menores dentro da estrutura da corporação.

Esse tipo de estresse ocorre também quando o colaborador fica insatisfeito com um trabalho/emprego ou fica com responsabilidades associadas. Como os indivíduos entendem o trabalho de forma diferente, há diferentes tipos de motivos causadores de estresse no trabalho, os quais variam de pessoa para pessoa (RUCHALA, 2013).

Conforme Snell e Bohlander (2013), as causas de estresse relacionado ao trabalho são muitas, porém quatro fatores têm importante influência no estresse dos funcionários, os quais: elevado nível de exigência – muitas tarefas a realizar em pouco tempo; grande esforço – necessidade de empregar muita energia mental ou física por período muito longo; pouco controle – ter muito pouca influência sobre o como o modo diário é realizado no dia a dia; e pouca compreensão – receber *feedback* inadequado sobre desempenho e não obter nenhum reconhecimento por um trabalho bem concluído.

O mundo de hoje é complexo e torna os indivíduos mais propensos a doenças relacionadas ao estresse, tais como ataques cardíacos, hipertensão, enxaquecas, úlceras, colite, doenças autoimunes, dor nas costas, artrite e até mesmo o câncer. (RUCHALA, 2013).

Ao longo da vida, as pessoas lidam com muitos fatores causadores de estresse. Os potenciais estressores e mecanismos de enfrentamento variam ao longo da vida. A apreciação dos estressores, a quantidade e tipo de apoio social e as estratégias de enfrentamento se equilibram ao se investigar o estresse e dependem das experiências anteriores. Além disso, os estressores situacionais e sociais colocam as pessoas que são vulneráveis em maior risco de estresse prolongado. (BAIER, 2013).

Para Bianchi (2000), o estresse ocupacional envolvendo a equipe de enfermagem do bloco cirúrgico está presente no seu cotidiano, resultante de inúmeros fatores relacionados ao tipo de ambiente, complexidade das relações humanas e de trabalho, autonomia profissional, grau elevado de exigência quanto às competências e habilidades, alta responsabilidade, planejamento adequado de recursos humanos e materiais, entre outros.

Conforme Stumm e outros (2008) nas unidades fechadas, a equipe de enfermagem realiza inúmeros cuidados de enfermagem e precisa ter atenção contínua devido à gravidade do quadro clínico dos pacientes, caracterizando um trabalho estressante. Além do estresse ambiental, a falta de material muitas vezes requer improvisação, podendo esse fato gerar desconforto e insatisfação nos profissionais envolvidos, contribuindo para o estresse.

Dantas (2005) as condições ambientais adversas no local de trabalho contribuem para aumentar a carga psíquica dos colaboradores. Os agentes estressores físicos (calor, frio, vibrações, ruído), biológicos e ergonômicos podem atuar sinergicamente com os estressores psíquicos, gerando o desconforto, o sofrimento e a doença.



Na visão de Costa e Martins (2011), o ambiente hospitalar contém uma série de fatores que geram insalubridade e sofrimento aos profissionais de saúde, sendo que a enfermagem é apontada como uma profissão que apresenta alto nível de estresse ocupacional.

Já é sabido que a atividade diária numa sala de operações é geradora de estresse contínuo. O nível de exigência é máximo, o contato a todo instante com situações limite é frequente, as condições físicas/ambientais são adversas, os horários estendidos, as relações interpessoais e conseqüentemente, a comunicação ocorrem várias vezes em contextos de crise. Estes fatos entre outros, constituem alguns dos fatores indutores de estresse (RODRIGUES, 2008).

Na pesquisa de Pereira, Miranda e Passos (2009), percebeu-se que as relações interpessoais foi o principal fator estressor. O ambiente de trabalho sendo um setor fechado, onde os funcionários permanecem trabalhando juntos por mais tempo e somente saem nos horários destinados às refeições, faz com que a convivência seja mais intensa e os conflitos mais comuns do que em outros setores.

O corpo do profissional de enfermagem precisa ser cuidado para poder cuidar, pois por meio das suas mãos, o cuidado é realizado (NASCIMENTO; COSTA; SILVA, 2012).

O cuidado é uma questão presente no dia-a-dia da equipe de enfermagem. É seu instrumento de trabalho, mas pode levar o cuidador a sofrimentos físicos e psicológicos, afetando a sua forma de cuidar. Desse modo, é relevante que o enfermeiro compreenda a importância de cuidar de si antes de cuidar do outro, pois, se não estamos ‘bem cuidados’, não teremos condições de prestar um bom cuidado (GASPERI, RADÜNZ, 2006).

Silva e Pinto (2012) destacam alguns fatores que levam a ocorrência dos riscos ocupacionais, como: número insuficiente de funcionários, sobrecarga de trabalho, rodízio de turnos de plantões noturnos, desgaste mental e emocional, condições físicas impróprias, falta de capacitação dos profissionais, exposição às substâncias tóxicas, exposição ocupacional, indisposição ou mal-uso dos EPI's, condições precárias de trabalho e ambiente de trabalho.

É preciso olhar para o mesmo corpo, pois a visão do corpo humano sob o prisma bioenergético encontra algumas resistências no mundo científico que relaciona esta abordagem a uma questão empírica e ilusionista (NASCIMENTO; COSTA; SILVA, 2012).

#### 4 PROCEDIMENTOS QUE PROVOCAM MAIS ESTRESSE NA EQUIPE DE ENFERMAGEM

No CC, os procedimentos transoperatórios são realizados com utilização de técnicas assépticas rígidas, além dos momentos pré-operatório imediato e pós-operatório imediato, demandando responsabilidades dos profissionais envolvidos. Além de ser um cenário rico de expansão tecnológica nos últimos anos (VELASCO; PASSOS, 2016).

A equipe de enfermagem que atua em Centro Cirúrgico se depara frequentemente com situações difíceis, de intensa pressão, e supõe-se que estas possam interferir na vida desses profissionais, prejudicando a saúde e repercutindo no desempenho das atividades laborais (STUMM *et al.*, 2006 *apud* PASSOS; SILVA; CARVALHO, 2010, p. 35).

Souza e outros (2011) realizaram um estudo no CC do Hospital Irmandade Nossa Senhora das Mercês de Montes Claros, no segundo semestre de 2010, incluindo todos os profissionais da equipe de Enfermagem do CC, totalizando 27 profissionais entrevistados, e perceberam que os principais fatores desencadeantes para o estresse ocupacional dentro do CC pesquisado estavam relacionados a atividades administrativas/burocráticas, ao relacionamento entre setores e atendimento das necessidades dos pacientes, principalmente no período de recuperação anestésica, sendo este o momento em que o paciente torna-se mais dependente de cuidados de enfermagem.

Stumm (2013) cita que as relações interpessoais entre profissionais, pacientes e família, podem desencadear conflitos na unidade CC, em consequência do desgaste emocional. A **cirurgia** em si é um acontecimento estressante para todos os envolvidos e pode repercutir negativamente na qualidade de vida dos profissionais responsáveis pela assistência, sendo que a família deposita toda confiança na equipe e espera o sucesso do procedimento. Os profissionais em CC se deparam com excesso de atividades, o que os obriga a permanecer no ambiente de trabalho mais tempo podendo predispor a conflitos, estresse, com repercussões na sua qualidade de vida.

## 4.1 TRABALHO DE ENFERMAGEM NO CENTRO CIRÚRGICO

Os serviços hospitalares mais estudados pelos investigadores são as unidades de cuidados intensivos, urgências e blocos operatórios, devido à sobrecarga física e emocional existente nestes locais (RODRIGUES, 2008).

Embora o CC seja um espaço restrito aos que ali desenvolvem suas atividades específicas, o trabalho nele realizado não é isolado dos demais trabalhos no contexto hospitalar, pois os procedimentos que nele se realizam requerem continuidade, sintonia e estreita articulação com os outros setores e equipes da instituição, a fim de se atingirem os objetivos da melhor forma possível (MACHADO; FIGUEIREDO; ROSA, 2009).

O ambiente do CC é fechado, sem janelas ou quaisquer outras aberturas que mantenham contato com ambientes externos. Por este motivo, constitui um ambiente potencialmente estressor para os trabalhadores e pacientes que lá convivem. Além disso, o espaço possui intensa atividade técnica, alta exigência profissional, normas de estrutura físicas bastante rigorosas, cujo principal objetivo é minimizar a formação de focos de infecção hospitalar (SOUZA, 2009).

O Centro Cirúrgico (CC) é uma unidade assistencial que compreende uma área específica, com profissionais devidamente preparados para a realização de procedimentos anestésicos e cirúrgicos, eletivos, de urgência e emergência, de forma a proporcionar atendimento qualificado aos pacientes, com minimização dos riscos inerentes ao processo cirúrgico. É uma unidade complexa, de circulação restrita, na qual a equipe se depara com diversas situações que podem ser percebidas como estressores e que requerem elevado grau de responsabilização em situações que exigem rapidez e precisão, mas, ao mesmo tempo, calma e responsabilidade (STUMM, 2013).

O processo de trabalho, incluindo a estrutura e a organização funcional, sugere que o trabalho do enfermeiro é complexo. Há um clima de grande tensão emocional, desgaste físico e psíquico que pode contribuir como fator desencadeante do stress. Isso exigiria, também, do profissional enfermeiro uma adaptação em relação a esses agentes estressores para manter o seu equilíbrio homeostático. (ALVES, 2011, p. 9).

O CC sendo uma unidade hospitalar onde são executados procedimentos anestésico-cirúrgicos, diagnósticos e terapêuticos, tanto de caráter eletivo quanto emergencial, é um ambiente de intervenções invasivas e de recursos materiais com alta precisão e eficácia,

exigindo assim, profissionais habilitados para atender diferentes necessidades do usuário diante da elevada densidade tecnológica e à variedade de situações que lhe conferem uma dinâmica peculiar de assistência em saúde (MARTINS, 2013).

Oliveira (2009) ressalta que o trabalho no bloco cirúrgico envolve riscos à saúde do trabalhador de enfermagem, como o contato com secreções corporais do paciente, pode levar o trabalhador a se contaminar e a desenvolver patologias, bem como a exposição à carga química representada pelos gases anestésicos, que podem oferecer vários danos à saúde do trabalhador.

Conforme Souza (2009), o centro cirúrgico é um setor onde o paciente permanece por um período curto; porém, as atividades que nele são desenvolvidas revestem-se de complexidade, tendo como objetivo curar ou pelo menos proporcionar uma melhora (cirurgias paliativas) no quadro de saúde do paciente. Sendo assim, os profissionais que atuam neste setor são bastante requisitados e detêm uma grande carga de responsabilidade.

Os centros cirúrgicos são considerados cenários de alto risco, extremamente suscetíveis a erros. Os processos de trabalho, neste cenário, constituem-se em práticas complexas, interdisciplinares, com forte dependência da atuação individual e da equipe em condições ambientais, dominadas por pressão e estresse. As complicações cirúrgicas respondem por grande proporção das mortes e danos (temporários ou permanentes) provocados pelo processo assistencial, consideradas evitáveis (CARVALHO *et al.*, 2015, p. 1042).

Coelho e outros (2012) citam que o trabalho de enfermagem em CC é especializado, complexo e desgastante. O ambiente possui uma série de fatores estressores que são capazes de causar desconfortos, mal estar e até mesmo adoecimento no trabalho. Portanto, é necessário que sejam elaboradas estratégias para que os elementos estressores possam ser diminuídos, promovendo assim melhorias das condições de trabalho dos profissionais de enfermagem e, conseqüentemente, otimizando a qualidade da assistência prestada por eles.

“Todos devem ter consciência de suas responsabilidades, competências e limites profissionais, para que possam garantir integridade e segurança ao cliente que está sob seus cuidados”. (MACHADO; FIGUEIREDO; ROSA, 2009, p. 25).

#### 4.1.1 INTERVENÇÕES PARA O GERENCIAMENTO DO ESTRESSE OCUPACIONAL

O interesse nas consequências do estresse ocupacional tanto para os trabalhadores quanto para as organizações vem crescendo nos últimos anos, já que o estresse está associado ao baixo desempenho, aumento dos custos com seguro saúde, licenças médicas e *burnout* (GRAZZIANO; BIANCHI, 2011).

Uma questão fundamental para a saúde e a segurança é o estresse que resulta da atividade física e mental ou atividade emocional. Muitas fontes de estresse estão relacionadas ao trabalho. Ao reconhecer a necessidade de reduzir o estresse, as empresas podem desenvolver programas de controle de estresse visando ajudar os funcionários a aprender técnicas para lidar com ele. E também as organizações necessitam reformular e enriquecer os cargos, esclarecer as atribuições do cargo, corrigir fatores físicos no ambiente de trabalho e tomar quaisquer outras atitudes que possam ajudar a reduzir o estresse no trabalho. (SNELL; BOHLANDER, 2013).

Intervenções focadas na organização buscam modificar processos de trabalho e oferecem alternativas de gerenciamento do ambiente laboral. Entretanto, são menos comuns haja vista a dificuldade em sua implementação devido ao desconhecimento, dos dirigentes das companhias e instituições, da natureza transacional do stress ocupacional e no receio de que mudanças no contexto do processo de trabalho possam trazer prejuízos de ordem financeira e aumento de custos. (KOMPIER; KRISTENSEN, 2003 *apud* GRAZZIANO; BIANCHI, 2011, p. 12).

Jacques e outros (2015) ressaltam que a responsabilidade e qualificação exigida dos trabalhadores do CC acumuladas ao excesso de atividades, recursos humanos insuficientes e a falta de equipamentos ou materiais necessários à assistência prestada ao paciente cirúrgico, acarretam ao longo dos anos desgaste físico, emocional e social.

A fim de amenizar esse desgaste, os serviços de saúde devem implementar medidas para minimizar o estresse no trabalho, dentre essas, destacam-se o apoio aos profissionais, promover a interação multiprofissional, a melhoria das condições de trabalho e da infraestrutura da unidade, investir em programas de atenção à saúde do trabalhador, organização racional e valorização do trabalho (BRANDÃO; GALVÃO, 2013).

Machado, Figueiredo e Rosa (2009) destacam a importância em reconhecer a função de cada profissional do CC, para que as intervenções sejam viáveis, seguras e satisfatórias.

A participação e o desempenho de toda a equipe é de suma importância, o trabalho em grupo auxilia no desenvolvimento de estratégias de prevenção aos riscos, promovendo a interação, enfrentamento das dificuldades, conhecimento sobre o assunto e diminuição da ocorrência dos acidentes de trabalho (SILVA; PINTO, 2012).

Em relação às implicações para a prática profissional, os resultados da pesquisa de Brandão e Galvão (2013) indicaram que a avaliação das condições de trabalho para identificar os principais estressores e a implementação de medidas individuais e organizacionais para a redução do estresse da equipe de enfermagem poderão incrementar a produtividade, satisfação dos trabalhadores e a melhoria do cuidado prestado ao paciente cirúrgico.

Uma empresa competitiva é aquela que proporciona qualidade de vida aos funcionários no desempenho das funções, o que é possível ser analisado quando os indicadores como o número de acidentes e o nível de absentismo diminuem e a produtividade e a qualidade dos cuidados aumentam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na maioria das vezes o trabalho no centro cirúrgico é estressante em vários aspectos, podendo afetar no desempenho dos profissionais da equipe de enfermagem de modo geral. O centro cirúrgico ocupa lugar de destaque no hospital, considerando a finalidade e a complexidade dos procedimentos realizados.

Mediante os diversos fatores que levam o indivíduo a vivenciar uma situação de estresse, seja ele momentâneo ou não, desencadeando inúmeras reações no organismo, que podem ter sérias consequências e surgimento de diversas patologias se o fator estressante permanecer por longo período.

Toda situação estressante, ao mesmo tempo em que coloca o organismo em vigília, estado de alerta, também leva a desencadear reações que podem prejudicar o mesmo. Desta forma, as cobranças constantes que ocorrem no ambiente de trabalho, faz com que o trabalhador apresente o estresse quando seu desempenho profissional passa a ser insuficiente, levando-a a insatisfação com a sua atividade.

Podendo também, levar o profissional a adquirir a Síndrome de *Burnout*, onde ocorre a desmotivação do trabalho, fazendo com que o colaborador queira ‘abandonar’ seu trabalho. Urge buscar alternativas que amenize as situações de estresse entre profissionais de enfermagem em centro cirúrgico, a fim de elevar o nível produtivo, melhorando a capacitação e propiciando um ambiente de trabalho estável e saudável.

Conclui-se, portanto, que é importante procurar ajuda e tratamento adequado, seja apoio médico, psicológico, além de manter boa alimentação, realização de exercícios físicos e práticas de sessões de relaxamentos, promovendo assim melhor qualidade de vida, bem como melhora na qualidade do serviço prestado ao cliente.

## SUGESTÕES DE MEDIDAS PARA AMENIZAR O ESTRESSE OCUPACIONAL ENTRE A EQUIPE DE ENFERMAGEM NO CC:

- Elaborar treinamento envolvendo equipe de enfermagem do Centro Cirúrgico pelo menos de três em três meses para capacitação dos profissionais;
- Oferecer oficinas de ginástica laboral aos profissionais ao iniciar cada plantão, para começar o trabalho mais relaxado e desestressante;

- Designar um dos profissionais de enfermagem do setor para elaborar o cronograma de cirurgias eletivas e fazer levantamento de possíveis materiais a serem utilizados em caso de emergência no CC;
- Disponibilizar um quadro de aviso dentro do CC para sugestões diárias.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Carolina Guerra Corrêa. **Estresse e o trabalho do enfermeiro**: uma revisão bibliográfica. 2011. 27 f. Monografia (Especialização em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Departamento de Saúde Coletiva, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Recife. Disponível em: <<http://www.cpqam.fiocruz.br/bibpdf/2011alves-acgc.pdf>>. Acesso em: 09 Nov. 2017.

AQUINO, Jael Maria de. **Estressores no trabalho das Enfermeiras em Centro Cirúrgico**: consequências profissionais e pessoais. 2005. 139 f. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica) – Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-19102006-154614/](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-19102006-154614/)>. Acesso em: 15 Nov. 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMEIROS DE CENTRO CIRÚRGICO, RECUPERAÇÃO PÓS-ANESTÉSICA E CENTRO DE MATERIAL E ESTERILIZAÇÃO – SOBECC. **Práticas recomendadas SOBECC**. 6. ed. São Paulo: Manole, SOBECC, 2013.

ATKINSON, Leslie D.; MURRAY, Mary Ellen. **Fundamentos de enfermagem**: introdução ao processo de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

BAHIA, Conselho Regional de Enfermagem. **Parecer COREN-BA nº 08/2013**: atuação do profissional de enfermagem como instrumentador e auxiliar em procedimento cirúrgico. Salvador, 2013. Disponível em: <[http://ba.corens.portalcofen.gov.br/parecer-coren-ba-082013\\_8091.html](http://ba.corens.portalcofen.gov.br/parecer-coren-ba-082013_8091.html)>. Acesso em: 03 set. 2018.

BAIER, Marjorie. Estresse e enfrentamento. In: POTTER, Patricia A. *et al.* **Fundamentos de enfermagem**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. Cap. 37. p. 749-63.

BARBOSA, Henrique Andrade *et al.* Estresse ocupacional enfrentado pelo enfermeiro no centro cirúrgico. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, v. 17, n. 171, ago. 2012. Disponível em: <<http://efdeportes.com/efd171/estresse-ocupacional-enfrentado-pelo-enfermeiro.htm>>. Acesso em: 09 Abr. 2018.

BIANCHI, Estela Regina Ferraz. Comparação do nível de estresse do enfermeiro de centro cirúrgico e de outras unidades fechadas. **Revista SOBECC**, v. 5, n. 4, p. 28-30, 2000. Disponível em: <[http://novo.sobecc.org.br/artigo/artigo\\_58.pdf](http://novo.sobecc.org.br/artigo/artigo_58.pdf)>. Acesso em: 05 Jul. 2017.

BRANDÃO, Dafne Eva Corrêa; GALVÃO, Cristina Maria. O estresse da equipe de enfermagem que atua no período perioperatório: revisão integrativa. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v. 14, n. 4, p. 836-44, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3240/324028459021.pdf>>. Acesso em: 17 Abr. 2018.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Decreto nº 94.406, de 8 de junho de 1987**: regulamenta a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre o exercício da enfermagem, e dá outras providências. 1987. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-94406-8-junho-1987-444430-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 08 set. 2018.

BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. Câmara Técnica de Legislação e Normas – CTLN. **Portaria n. 523/2015**. 2015. Disponível em: <<http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2016/08/Guia-de-Recomenda%C3%A7%C3%B5es-CTLN-Vers%C3%A3o-Web.pdf>>. Acesso em: 03 Set. 2018.

BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. **Resolução COFEN Nº 0509/2016**: Atualiza a norma técnica para Anotação de Responsabilidade Técnica pelo Serviço de Enfermagem e define as atribuições do enfermeiro Responsável Técnico. 2016. Disponível em: <[http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-05092016-2\\_39205.html](http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-05092016-2_39205.html)>. Acesso em: 02 Set. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde e segurança no trabalho**. 2016b. Disponível em: <<http://bvsmis.saude.gov.br/dicas-em-saude/2323-saude-e-seguranca-no-trabalho>>. Acesso em: 08 Set. 2018.

CARVALHO, Paloma Aparecida *et al.*. Cultura de segurança no centro cirúrgico de um hospital público, na percepção dos profissionais de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 23, n. 6, p. 1041-8, nov./dez. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n6/pt\\_0104-1169-rlae-23-06-01041.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n6/pt_0104-1169-rlae-23-06-01041.pdf)>. Acesso em: 09 Fev. 2018.

CASTRO NETO, Nelson de. **Mapeamento dos riscos**: segurança no trabalho em serviço e alimentação. Disponível em: <<http://www.td.utfpr.edu.br>>. Acesso em: 05 Ago. 2018.

COELHO, Alexa Pupiará Flores *et al.* **Saúde do trabalhador de enfermagem do centro cirúrgico**: fatores ambientais estressores e possibilidades de intervenção. 2012. Disponível em: <<http://unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/5888.pdf>>. Acesso em: 24 Abr. 2018.

COSTA, Daniele Tizo; MARTINS, Maria do Carmo Fernandes. Estresse em profissionais de enfermagem: impacto do conflito no grupo e do poder do médico. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1191-8, out. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n5/v45n5a23.pdf>>. Acesso em: 08 Abr. 2018.

DANTAS, Julizar. Patologia cardiovascular relacionada ao trabalho. *In*: MENDES, René. **Patologia do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2006. v. 2. cap. 31. p. 1295-328.

FERNANDES, Renata José. **Síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem em centro cirúrgico de um Hospital de grande porte na cidade de Brasília/DF**. 2011. 45 f. Monografia (Graduação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/1512/1/Renata%20Jose%20Fernandes.pdf>>. Acesso em: 03 Set. 2018.

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de; LEITE, Josete Luzia; ROCHA, Ronilson Gonçalves. *In*: FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de; LEITE, Josete Luzia; MACHADO, Wiliam César Alves. **Centro cirúrgico**: atuação, intervenção e cuidados de enfermagem. 2. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2009. Cap. 5. p. 49-71.

GALVAO, Tatiane Lopes. **O centro cirúrgico**. 2012. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAepV4AA/centro-cirurgico>>. Acesso em: 05 Maio 2018.

GASPERI, Patricia De; RADÜNZ, Vera. Cuidar de si: essencial para enfermeiros. **REME Revista Mineira de Enfermagem**, v. 10, n. 1, p. 82-7, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/390>>. Acesso em: 05 Set. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Atlas: São Paulo, 2007.

GRAZZIANO, Eliane da Silva; BIANCHI, Estela Regina Ferraz. Impacto do stress ocupacional e burnout para enfermeiros. **Enfermería Global**, Murcia, n. 18, fev. 2010. Disponível em: <[http://scielo.isciii.es/pdf/eg/n18/pt\\_revision1.pdf](http://scielo.isciii.es/pdf/eg/n18/pt_revision1.pdf)>. Acesso em: 08 Nov. 2017.

HINKLE, Janice L.; CHEEVER, Kerry H. **Brunner & Suddarth tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. 13. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. v. 1. p. 403-423.

JACQUES, João Paulo Belini *et al.* Geradores de estresse para os trabalhadores de enfermagem de centro cirúrgico. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, Londrina, v. 36, n. 1, Supl, p. 25-32, ago. 2015. Disponível em: <[www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/download/18197/16937](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/download/18197/16937)>. Acesso em: 05 Abr. 2018.

LIMA, Luisa Denise Portes de *et al.* Condições de trabalho e implicações na saúde de profissionais atuantes em centro cirúrgico. **Revista Espaço Ciência & Saúde**, v. 3, p. 100-16, 2015. Disponível em: <[revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/enfermagem/article/download/5310/944](http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/enfermagem/article/download/5310/944)>. Acesso em: 09 Nov. 2017.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. *Quando o trabalho adoecer*. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 4, n. 5, p. 22-3, 2007.

LIPP, Marilda; MALAGRIS, Lucia E. Novaes. Estresse: aspectos históricos, teóricos e clínicos. *In*: RANGÉ, Bernard *et al.* **Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. Cap. 39. p. 617-32.

LÓPEZ, Mariana. A técnica de medicação como prática de gerenciamento do estresse ocupacional. *In*: KUHNEN, Ariane; CRUZ, Roberto Moraes; TAKASE, Emílio (Orgs). **Interações pessoa-ambiente e saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. Cap. 10. p. 211-230.

MACHADO, Wiliam César Alves; FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de; ROSA, Ilsimar de Fátima. A equipe do centro cirúrgico e o cotidiano da enfermagem. *In*: FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de; LEITE, Joséte Luzia; MACHADO, Wiliam César Alves. **Centro cirúrgico: atuação, intervenção e cuidados de enfermagem**. 2. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2009. Cap. 2. p. 24-34.

MACHADO, William César Alves; FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida; ROSA, Ilsimar de Fátima. A equipe do centro cirúrgico e o cotidiano da enfermagem. *In*: FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida; LEITE, Joséte Luzia; MACHADO, William César Alves. **Centro cirúrgico: atuação, intervenção e cuidados de enfermagem**. 2. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2009. Cap. 2, p. 24-34.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Fabiana Zerbieri. **Atividades gerenciais do enfermeiro em centro cirúrgico**. 2013. 95 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/83989/000908116.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 05 Maio 2018.

MENZANI, Grazielle. **Stress entre enfermeiros brasileiros que atuam em pronto socorro**. 2006. 112 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Ribeirão Preto, 2006. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7139/tde-03102006-085602/pt-br.php](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7139/tde-03102006-085602/pt-br.php)>. Acesso em: 09 Fev. 2018.

MINAS GERAIS. Conselho Regional de Enfermagem. **Legislação e normas**, Belo Horizonte v. 15, n. 1, 2016. Disponível em: <[https://www.corenmg.gov.br/public/anexos/manuais\\_enfermagem/manual\\_de\\_legislacao\\_e\\_normas.pdf](https://www.corenmg.gov.br/public/anexos/manuais_enfermagem/manual_de_legislacao_e_normas.pdf)>. Acesso em: 02 Set. 2018.

MOURA, Maria Lucia Pimentel de Assis. **Enfermagem em centro cirúrgico e recuperação anestésica**. 9. ed. São Paulo: SENASC-SP, 2008. (Apontamentos).

NASCIMENTO, Maria Aparecida de Luca; COSTA, Marcio Martins da; SILVA, Raquel Nunes da. Cuidando de quem cuida: um programa de atenção à saúde do trabalhador de enfermagem. *In*: FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de (Org.). **Ensinando a cuidar em saúde pública**. 3. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2012. Cap. 11. p. 273-83. (Práticas de enfermagem).

OLIVEIRA, Carlos Rogério Degrandi. Exposição ocupacional a resíduos de gases anestésicos. **Revista Brasileira de Anestesiologia**, Campinas, v. 59, n. 1, p. 110-24, jan./fev. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rba/v59n1/14.pdf>>. Acesso em: 09 Nov. 2017.

PASSOS, Juciane Brandão; SILVA, Elizamar Lima da; CARVALHO, Mércia Maria Costa de. Estresse no centro cirúrgico: uma realidade dos profissionais de enfermagem. **Revista de Pesquisa em Saúde**, v. 11, n. 2, p. 35-8, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahuufma/article/view/550/301>>. Acesso em: 05 Abr. 2018.

PAVAN, Juliane Salvaro; SAVI, Clóvis Noberto. **Mapa de risco do centro cirúrgico de um hospital particular da cidade de Criciúma-SC**. 2011. 16 F. Artigo (Bacharelado em Engenharia Civil) - UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Curso de Engenharia Civil, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/227/1/Juliane%20Salvaro%20Pavan.pdf>>. Acesso em: 02 Set. 2018.

PEREIRA, Caroline de Aquino; MIRANDA, Livia Ceschia dos Santos; PASSOS, Joanir Pereira. O estresse ocupacional da equipe de enfermagem em setor fechado. **Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental on line**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 196- 202, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/346/331>>. Acesso em: 02 Nov. 2017.

RODRIGUES, Maria do Céu Assis. **Stresse e burnout na equipe multidisciplinar cirúrgica**. 2008. 296 f. Dissertação (Mestrado em comunicação em saúde) – Universidade Aberta, Lisboa-Portugal. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/710/1/LC417.pdf>>. Acesso em: 10 Abr. 2013.

RUCHALA, Patsy L. Adultos jovens e adultos de meia-idade. In: POTTER, Patricia A. *et al.* **Fundamentos de enfermagem**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. cap. 13. p. 165-79.

SANGIOVO, Silvana *et al.* Potencialidades e fragilidades de uma equipe de enfermagem em centro cirúrgico. **Revista Espaço Ciência & Saúde**, v. 3, p. 1-14, 2015. Disponível em: <[revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/enfermagem/article/download/5304/938](http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/enfermagem/article/download/5304/938)>. Acesso em: 09 Abr. 2018.

SANTOS, Kátia Aparecida Fernandes da costa dos. **Riscos biológicos, ergonômicos e emocionais no centro cirúrgico**. Mogi das Cruzes: Universidade de Mogi das Cruzes, 2013. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAFxXoAK/riscos-biologicos-ergonomicos-emocionais-no-centro-cirurgico>>. Acesso em: 08 Ago. 2018.

SCHMIDT, Denise Rodrigues Costa. *et al.* Estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico. **Texto Contexto-enfermagem**, Florianópolis, v.18, n.2, p. 330-7, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n2/17.pdf>>. Acesso em: 12 Nov. 2017.

SCHMIDT, Denise Rodrigues Costa. **Qualidade de vida no trabalho e sua associação com o estresse ocupacional, a saúde física e mental e o senso de coerência entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico**. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Ribeirão Preto, 2009. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde-29062009-143214/pt-br.php](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde-29062009-143214/pt-br.php)>. Acesso em: 09 Fev. 2018.

SEMENIUK, Anna Paula; DURMAN, Solânia; MATOS, Fabiana Gonçalves de Oliveira Azevedo. Saúde mental da equipe de enfermagem de centro cirúrgico frente à morte. **Revista SOBECC**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 48-56, 2012. Disponível em: <<http://sobecc.org.br/arquivos/artigos/2012/pdf/5.pdf>>. Acesso em: 17 Abr. 2018.

SILVA, Cinthya Danielle de Lima e; PINTO, Wilza Maria. Riscos ocupacionais no ambiente hospitalar: fatores que favorecem a sua ocorrência na equipe de enfermagem. **Saúde Coletiva em Debate**, v. 2, n. 1, p. 95-104, dez. 2012. Disponível em: <<http://fis.edu.br/revistaenfermagem/artigos/vol02/artigo10.pdf>>. Acesso em: 09 Fev. 2018.

SILVA, Patrícia Pereira, POPOV, Débora Cristina Silva. Estresse da equipe de enfermagem no centro cirúrgico. **Revista Enfermagem UNISA**, Santo Amaro, v. 11, n. 2, p. 125-30, 2010. Disponível em: <<http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2010-2-12.pdf>>. Acesso em: 20 Set. 2017.

SIQUEIRA, Natana; SCHUH, Laísa. **As atribuições do enfermeiro no centro cirúrgico**. 2016. Disponível em: <<https://www.ulbracds.com.br/index.php/sieduca/article/download/298/91>>. Acesso em: 05 Maio 2018.

SMELTZER, S. C. O C: BARE, B.G. Homeostasia, estresse e adaptação. *In: \_\_\_\_\_*. **Brunner & Suddarth Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica**. 10 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. Cap. 6. p. 84-102.

SNELL, Scott A.; BOHLANDER, George W. **Administração de recursos humanos**. 14. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

SNELL, Scott A.; BOHLANDER, George W. **Administração de recursos humanos**. 14. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

SOARES, Luciana Maria Pereira; OLIVEIRA, Victor Constante; SOUSA, Luíza Araújo Amâncio. Qualidade de vida dos profissionais atuantes no centro cirúrgico. **Psicologia e Saúde em Debate**, v. 3, n. 2, p. 159-70, dez. 2017. Disponível em: <[psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/download/121/120](http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/download/121/120)>. Acesso em: 28 Abr. 2018.

SORATTO, Maria Tereza *et al.*. O estresse da equipe de enfermagem no centro cirúrgico. **Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde**, Caçador, v. 5, n. 1, p. 179-92, 2016. Disponível em: <[www.periodicosuniarp.com.br/ries/article/view/717/440](http://www.periodicosuniarp.com.br/ries/article/view/717/440)>. Acesso em: 09 Abr. 2018.

SOUZA, Luís Paulo Souza e *et al.* Estresse ocupacional envolvendo a equipe de enfermagem atuante em um centro cirúrgico. **Revista UNINGÁ**, v. 29, n. 1, p. 87-97, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/963>>. Acesso em: 02 Set. 2018.

SOUZA, Rosa Maria Nascimento. **O trabalho no centro cirúrgico e as funções psicofisiológicas dos trabalhadores de enfermagem**. 2009.114 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2009. Disponível em: <<http://www.nascecme.com.br/artigos/RosaMariaNascimentoSouza.pdf>>. Acesso em: 24 Abr. 2018

STUMM, Eniva Miladi Fernandes *et al.* Estressores e sintomas de estresse vivenciados por profissionais em um centro cirúrgico. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 54-66, jan./mar. 2008. Disponível em: <[reme.org.br/artigo/detalhes/238](http://reme.org.br/artigo/detalhes/238)>. Acesso em: 20 Out. 2017.

STUMM, Eniva Miladis Fernandes *et al.* Qualidade de vida de profissionais em um centro cirúrgico. **Enfermería Global**, Murcia, v. 12, n. 30, p. 232-43, abr. 2013. Disponível em: <[http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v12n30/pt\\_administracion2.pdf](http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v12n30/pt_administracion2.pdf)>. Acesso em: 25 Ago. 2017.

VELASCO, Aline Ramos; PASSOS, Joanir Pereira. O estresse laboral em trabalhadores multidisciplinares atuantes no centro cirúrgico. **Journal de Dados PPGENFBIO**, Rio de Janeiro, n. 10, 2016. Disponível em: <<https://journaldedados.files.wordpress.com/2016/10/o-estresse-laboral-em-trabalhadores-multidisciplinares.pdf>>. Acesso em: 09 Abr. 2018.

VIDEBECK, Sheila L. **Enfermagem em saúde mental e psiquiatria**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

WEITEN, Wanye. **Introdução à psicologia: temas e variações**. 3. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2016.

WITTER, Geraldina Porto; PASCHOAL, Giovana Ardoino. Estresse profissional na base SciELO. **Brazilian Journal Health**, v. 1, n. 3, p. 171-85, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/bjh/index.php/bjh/article/viewFile/42/65>>. Acesso em: 02 Set. 2018.